Pensar o comum

A oeste nada de novo ou a poente está tudo por descobrir. Duas faces da mesma moeda. Se nos deslocarmos até à Foz do Arelho é sempre possível vislumbrar as Berlengas. E apanhar a brisa vinda do norte. Nos últimos tempos têm aparecido na areia caravelas portuguesas. A causa provável é o aumento da temperatura dos oceanos. Nesse território existe ainda o canhão da Nazaré, formação geológica responsável pelas ondas gigantes que rebentam na Praia do Norte. Mais no interior, nas Caldas da Rainha, há ainda um imenso bando de artistas, que, nas últimas décadas, têm vindo a afirmar a sua presença no contexto português.

Organizar uma exposição de alguns dos autores que estudaram ou decidiram habitar naquela cidade é um enorme desafio. São inúmeros os ateliês que visitei com Pedro Oliveira e Sebastião Casanova no último ano, sobretudo depois da exposição deste artista na galeria junto ao Douro, um acontecimento em si, sobretudo pela forma como, na inauguração, foi perceptível a existência de uma grande comunidade ligada à cultura contemporânea.

Essa constatação foi-se consolidando ao longo de meses, em momentos distintos: inaugurações, refeições e conversas, muitas vezes até horas tardias. Outro indicador foi o crescente interesse de coleccionadores pelos artistas das Caldas da Rainha. A atenção tem sido dirigida sobretudo para a pintura, uma situação que esta exposição pretende expandir, através da inclusão de escultura, cerâmica e peças design de autor.

O movimento colectivo foi sempre uma característica das várias gerações que ensinaram e aprenderam nas Caldas da Rainha, sobretudo depois da fundação da ESAD, há cerca de trinta e cinco anos. O mercado e as instituições museológicas procedem à peneira posterior, favorecendo uns em detrimento de outros, sendo que nesta seleção nem sempre a qualidade de uma obra é o factor principal – da personalidade de um artista às agendas épocas, tudo contribui para a separação das águas.

Na Pedro Oliveira é possível descobrir os trabalhos de nove nomes, alguns já com um percurso sólido, outros que têm nesta exposição a sua estreia numa galeria comercial. Mais do que analisar cada uma das obras, importa aqui sublinhar a qualidade destas. De cada um dos presentes, Pedro Oliveira optou por escolher trabalhos recentes, inéditos ou que tiveram pouca visibilidade pública. Fizemos esta viagem juntos e muitos outros artistas poderiam ter sido escolhidos para integrarem a exposição — quem sabe se não haverá uma segunda parte.

O título da mostra evoca a “A Oeste Nada de Novo” (1929), libelo anti-militarista de Erich Maria Remarque – a bibliografia deste autor alemão inclui o romance “Uma Noite em Lisboa” (1962). A primeira das obras citada, aquela que interessa para contextualizar a exposição, aborda os horrores e a brutalidade da Primeira Guerra Mundial através dos olhos de jovens soldados alemães.

A narrativa centra-se em Paul Bäumer e nos seus seus amigos, sejam os antigos companheiros Tjaden e Müller, ou Stanislaus Katczinsky, conhecimento recente, que lhe ensina as vicissitudes da guerra, transformando-se rapidamente numa espécie de irmão de Bäumer.

A actualidade do livro é incontornável. Vivemos em tempos sombrios. Há jovens que combatem actualmente em várias frentes. Alistam-se ou são obrigados a integrarem exércitos.

A desumanização, o desencanto e o trauma vividos nas trincheiras da I Guerra Mundial continuam a ser uma realidade nos novos campos de batalha. Tal como no tempo de Remarque, a guerra é uma experiência de sofrimento físico e psicológico, alienando muitos daqueles que regressam à vida civil.

É Walter Benjamin que fala da "perda da experiência" (Erfahrung) causada pela guerra moderna, que, com sua mecanização e violência em massa, destruiu a "experiência" tradicional, transformando-a em "choque" ou "trauma", sem capacidade de ser integrada na memória e transmitida. Os soldados voltavam mudos das trincheiras da I Guerra Mundial, porque o vivido era tão radical que não encontrava linguagem para ser expressa.

Esta observação está no centro da análise de Benjamin acerca do colapso da arte de narrar na modernidade. No ensaio "O Narrador" (1936), o filósofo alemão formula a tese de que os combatentes não retornaram enriquecidos por experiências que pudessem ser transmitidas oralmente, mas empobrecidos. Esse "silêncio" não é uma mera consequência do trauma, mas um sintoma de uma mudança histórica profunda.

O diagnóstico de Benjamin é acerca da forma como a violência extrema da modernidade afecta não só a nossa capacidade de contar histórias, mas também a de criar sentidos e partilhá-los enquanto comunidade.

No início do segundo quartel do século XXI, este pano de fundo, que nos chega de longe, sobretudo após a I Guerra Mundial, ecoa, inconscientemente, na maior parte das criações artísticas actuais. O mais difícil é mesmo edificar essa "comunidade dos sem comunidade", de que nos falam diversos autores, de Georges Bataille a Peter Pàl Pelbart.

Como escreve este pensador brasileiro: "(...) diferentemente de algumas décadas atrás, em que o comum era definido mas também vivido como aquele espaço abstracto, que conjugava as individualidades e se sobrepunha a elas, seja como espaço público ou como política, hoje o comum é o espaço produtivo por excelência."

Nas Caldas da Rainha encontra-se uma destas comunidades, que se faz e desfaz consoante os desafios que lhe são lançados. Ela integra experiências individuais num todo maior do que as partes. Sente-se essa pertença a algo definido apenas pelo habitar comum de uma geografia. Neste contexto, lembro-me apenas de um colectivo de artistas, as Pizz Buin, e de um ateliê, o Origami, partilhado por vários nomes, que produz peças para carros alegóricos do Carnaval de Loulé, por exemplo. Os restantes nomes trabalham nos seus próprios espaços, isolados uns dos outros na maior parte dos casos.

É ainda Peter Pàl Pelbart que afirma: "Na contramão do sequestro do comum, da expropriação do comum, da transcendentalização do comum, trata-se de pensar o comum ao mesmo tempo como imanente e como em construção. Ou seja, por um lado ele já é dado, a exemplo do comum biopolítico, e por outro está por construir, segundo as novas figuras de comunidade que o comum assim concebido poderia engendrar."

Porque estamos perto do Carnaval, podemos olhar para esta exposição sobretudo como fazendo parte deste momento temporário, de base folclórica, onde as hierarquias sociais são subvertidas, todas as pessoas são iguais e a vida "não oficial", com o seu foco no corpo, no

riso e no grotesco, substitui temporariamente a ordem oficial e rígida, criando um espaço de liberdade, renovação e diálogo crítico.

A exposição “A Oeste Nada de Novo” permite múltiplas camadas de leitura. Desde tentar perceber as razões pelas quais têm surgido nas Caldas da Rainha várias gerações de artistas com um trabalho consistente até à constatação que a pintura é o meio através do qual se expressam o maior número de criadores que habitam naquele território.